

INOVAÇÃO SOCIAL E CULTURA: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS DOS GESTORES PÚBLICOS

Maria Leônia Alves do Vale Brasil¹ Miguel Angel Verdinelli² Suzete Antonieta Lizote³

Abstract. *The objective of this study was to analyze the process of social innovation promoted by the Public Administration based on the entrepreneurial competences of the managers of the Culture Secretariat of the State of Amazonas. For its achievement, the Christmas Concert was chosen as a case study. Using documentary analysis and quantitative methods, their entrepreneurial competences were mapped; indicators of social innovation were identified; and, the influences of the entrepreneurial competences in the promotion of social innovation were measured considered by the axes living conditions and generation of work and employment. Based on the results obtained, it was possible to conclude that there is a positive influence of the entrepreneurial competences on the social innovation promoted by the public administration.*

Keywords: *social innovation, entrepreneurial competences, public administration.*

Resumo. *O objetivo principal deste estudo foi analisar o processo de inovação social promovido pela Administração Pública com base nas competências empreendedoras dos gestores da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas. Para sua realização foi escolhido como um estudo de caso o Concerto de Natal, que se realiza em Manaus. Utilizando análise documental e métodos quantitativos foram mapeadas as competências empreendedoras dos gestores; identificados os indicadores de inovação social; e, mensuradas as influências das competências na promoção da inovação social considerando os eixos condições de vida e geração de trabalho e emprego. Com base nos resultados obtidos, foi possível concluir que existe uma influência positiva das competências empreendedoras dos gestores na inovação social promovida pela administração pública.*

Palavras-chave: *inovação social, competências empresariais, administração pública.*

¹ Doutora em Administração e Turismo. Professora. UNINORTE. leoniam@uninorte.com.br

² Doutor em Ciências. Professor. UNIVALI. nupad@univali.br

³ Doutora em Administração e Turismo. Professora. UNIVALI. lizote@univali.br

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, em decorrência das transformações das últimas décadas, as organizações sociais estão numa fase de transição, com novos paradigmas, fundamentados na relação do ser humano com o conhecimento e os produtos tecnológicos. Diante destes desafios que conformam um cenário mutável, cabe reconhecer que têm sido muitos os avanços alcançados, principalmente as inovações havidas nas áreas das tecnologias da informação e comunicação.

De modo geral, entende-se que a inovação se vincula necessariamente à tecnologia, podendo dar solução aos problemas da humanidade, incluindo os que envolvem a exclusão social e a pobreza. Contudo, constata-se que os problemas sociais têm persistido ou até mesmo se elevado, como, por exemplo, o desemprego e os níveis de pobreza. Na procura de novas alternativas para atender as demandas da sociedade tem surgido o conceito de inovação social, pretendendo melhorar a qualidade de vida da população e reduzir as desigualdades (Warnock, 2014).

Perante tal realidade a administração pública deveu realizar adequações e desenvolver a criatividade. Pode-se ver que em muitas instituições as práticas de liderança se têm aprimorado, dando mais valor ao capital intelectual e as competências intraempreendedoras dos funcionários. A partir dessas ações tem-se buscado criar políticas públicas voltadas melhorar as relações do Estado com a sociedade. Pois, como apontado por Corazza (2013, p. 207), foi junto ao início do milênio que a criatividade tornou-se uma qualidade chave do “novo modelo de desenvolvimento econômico, social e cultural”.

Desde então as pesquisas e a bibliografia sobre economia criativa e economia da cultura vem crescendo. Encontram-se referencias, por exemplo, o trabalho de Florida (2002), que tem a criatividade como recurso essencial das indústrias e da economia criativa. Outro caminho mais atual e atendendo as recomendações do relatório da Organização das Nações Unidas sobre economia criativa (UNCTAD, 2010), é o que considera às indústrias culturais e criativas como fonte de inovação para superar a crise econômica.

A capacidade inovativa se desenvolve em diversos níveis, cidades, clusters, redes, empresas, empreendedores individuais, e combina produtos, serviços e atividades não lucrativas com uso das tecnologias de informação e comunicação (Lazzeretti & Capone, 2015). Podem-se reconhecer indústrias culturais e criativas que desempenham um papel central no desenvolvimento local por meio da cultura e o emprego (Power, 2011).

Embora a inovação, de um modo geral, possa ser vista como catalisadora do desenvolvimento econômico e social (Porém et al., 2016), para se considerar inovação social deve focar a redução das desigualdades e o progresso da qualidade de vida. Conforme apontam Tardif e Harrison (2005) ela compreende três eixos: geração de trabalho e emprego; melhoria nas condições de vida; e, desenvolvimento territorial (CRISES, 2010). Sob esta ótica cabe questionar se no setor público relacionado com a cultura é possível identificar ações voltadas à inovação social e se esse processo está influenciado direta e positivamente pelas competências empreendedoras dos gestores públicos.

Para responder a tais questionamentos estabeleceu-se como objetivo geral da presente pesquisa analisar tal processo num ente governamental, tomando como base as competências empreendedoras dos gestores. Como objeto de estudo escolheu-se a ação da Secretaria de Estado da Cultura do Governo de Amazonas - SEC/AM, materializada em uma das suas realizações que se leva a cabo em Manaus: o Concerto de Natal.

Buscando a consecução daquele objetivo geral elencaram-se os seguintes objetivos específicos: 1) Mapear suas competências empreendedoras dos gestores da SEC/AM envolvidos no Concerto de Natal; 2) reconhecer indicadores de inovação social; 3) Mensurar as relações entre esses constructos; e, 4) aferir a influência das competências empreendedoras na promoção da inovação social, analisando-se os eixos condições de vida e geração de trabalho e emprego.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção se trata dos temas que fundamentam o trabalho, quais sejam: inovação social e competências empreendedoras.

2.1 INOVAÇÃO SOCIAL

Os estudos sobre inovação social têm aumentado consideravelmente na atualidade, entretanto, segundo aponta Cloutier (2003), o termo foi usado há tempo por Taylor (1970) e por Gabor (1970), que abordaram o assunto de modo diferente. No seu trabalho Taylor diz que a inovação social visa a transformação dos indivíduos na busca de melhorias para a sua vida. Já Gabor, a considera uma ferramenta utilizada para a solução de problemas de um determinado território.

Nas décadas de 1980 e 1990 houve massificação do desemprego como consequência das inovações tecnológicas que ocorreram e a inovação social apareceu como estratégia a ser utilizada em resposta ao impacto na reestruturação econômica. Segundo o Bureau of European Policy Advisors (BEPA), a inovação social contribui no desenvolvimento e implementação de ideias novas, seja de produtos ou serviços, no intuito de atender às necessidades sociais, criando ainda novas relações sociais ou colaborações (BEPA, 2011). Moulaert (2010) entende que as inovações sociais se apresentam como soluções progressivas e aceitáveis para uma série de problemas de exclusão, privação, alienação, ausência de bem-estar, com ações que contribuem positivamente para o progresso humano e para o desenvolvimento.

Na visão de Rousselle (2011), enquanto a inovação tecnológica vem do ambiente industrial a inovação social gera-se das ações de cidadãos que buscam criar ou transformar serviços ou produtos em prol da coletividade. Conforme sugerem Bignetti e Silva (2012) hoje não cabe considerar a inovação tecnológica como geradora de resultados para inovação social. E, neste sentido, Silva e Mauer (2013) vão mais além ao argumentar que a inovação social constitui um produto social, que gera valor de maneira única por meio de combinações específicas de recursos ou pela construção de novos recursos, sendo assim de difícil replicação.

Depois de realizar uma ampla revisão da literatura, Choi e Majumdar (2015) discutem sobre sete perspectivas teóricas que procuram expressar as diferentes compreensões do conceito de inovação social. As perspectivas são: a sociológica; a da pesquisa criativa; a do empreendedorismo; a da economia do bem-estar; a que visa a prática; a da psicologia comunitária; e, a do desenvolvimento territorial. Todas elas auxiliam na delimitação desse campo de estudo e aqueles autores identificam três principais usos respeito do conceito de inovação social: criação de valor social; indução à mudança de valores sociais; e, o uso que leva a proposição de um modelo de análise das inovações sociais existentes.

2. 2 COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

Competência empreendedora é definida por Snell e Lau (1994), como conhecimento, habilidade, qualidades individuais ou características pessoais, atitudes e motivações que pode contribuir para o pensamento ou ação concreta do negócio. Para Man e Lau (2000) é considerada como tipo de característica superior que destaca as pessoas, as que se diferenciam pelos traços de personalidade, aptidões e conhecimentos. Esses traços recebem influência exclusiva da experiência de cada indivíduo, desde sua educação familiar e se refletem nas atitudes. Salazar e Oliveira (2003) complementam o estudo com o conceito de competência

empreendedora que consiste uma função das capacidades diferenciadoras, como relações de negócios, conhecimento do negócio, qualidade e inovação e ainda tendo estratégias operacionais na gestão empresarial.

Para Zarifian (2001) uma pessoa não pode ser obrigada a ser competente, pressupõe-se desta forma que não se obriga ninguém a ser empreendedor. Então, se um indivíduo pode lapidar suas próprias competências, um empreendedor pode edificar e adaptar suas individualidades a fim de criar uma competência empreendedora. De acordo com Mamede e Moreira (2005, p. 4), “a competência empreendedora pode ser tratada tanto como competência do indivíduo quanto relacionada à prática administrativa, devido às diferentes tarefas que desempenham.” Os autores afirmam que as ações empreendedoras se associam às competências por representarem o senso de identificação de oportunidades, bem como as habilidades conceituais, a capacidade de gestão, e ao comprometimento com interesses individuais e da organização.

Antonello (2005) conceitua competência empreendedora como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que tornam possível a uma pessoa transmitir sua visão estratégica e ações na criação de valores tangíveis ou intangíveis para a sociedade na qual atua. A autora contextualiza que as competências indispensáveis ao completo desempenho do papel empreendedor mudam de acordo com a situação e conjuntura de cada negócio.

Na visão de Mamede e Moreira, (2005) quando a competência está associada à postura empreendedora auxilia na abrangência de entendimento de características que agregam valor na interação entre grupos internos e externos da organização. Este fator é provável quando as características representam senso de identificação de oportunidades, capacidade gerencial, habilidades conceituais, capacidade de relacionamento em rede, facilidade de leitura de contextos, posicionamento de mercado e comprometimento com interesses individuais e organizacionais. Competência empreendedora necessita estar alinhada ao saber fazer, ao saber ser e ao saber relacionar-se para que se possa tornar possível a reflexão em relação ao como o novo dirigente pode orientar-se no ambiente de negócios. (Paiva Jr. et al., 2006).

Feuerschütte e Alperstedt (2008) ao analisarem competência empreendedora, que é a relação entre competência e a capacidade de aprendizagem, contextualizam que o empreendedor está constantemente proferindo pessoas e recursos para empreender, avaliando tendências e esforçando-se na ampliação de ideias inovadoras com novos significados. Vale, Wilkinson e Amâncio (2008) consideram que o empreendedor tem função de desobstruir algumas rotas, preencher discontinuidades existentes nas redes, gerar novas redes e abrir

oportunidades de mercado. As competências empreendedoras de relacionamentos exibem a capacidade do empreendedor em atuar em rede e potencializá-las.

Segundo Vesala e Pyysiäinen (2008), a competência empreendedora não é uma característica independente e sem ambiguidades. Faz parte de uma estrutura hierárquica que pode abranger distintos tipos de atividades e processos, desde o reconhecimento de uma oportunidade até a sua realização. Para os mesmos autores estão a um nível acima de competências técnicas, profissionais ou de gestão, porque se relacionam com a criação, execução e o desenvolvimento de uma empresa. Para Feuerschütte e Godoi (2008, p. 5) os recursos do indivíduo são “constituídos pelos saberes (teóricos, do meio e procedimentais); pelo saber-fazer (formalizados, empíricos, relacionais e cognitivos) e por seus recursos pessoais (aptidões ou qualidades, recursos fisiológicos e recursos emocionais).”.

Para Mitchelmore e Rowley (2010) as competências individuais, quando empregadas no contexto empresarial, são fontes de inovação, transferência de conhecimento, mobilização de pessoas, aprendizado organizacional. Agregam valor econômico para a firma e social para o indivíduo, e competência é um conceito que apresenta muitas faces e aplicativos, além de se basear em diferentes abordagens e conceitos. As competências apenas não são suficientes para as empresas, sendo necessário que o profissional apresente atitudes empreendedoras, e que estas implementem inovação, criatividade, persuasão e ousadia. (Lizote et al. 2012). De acordo com Zampier et al. (2012) determinados estudos procuraram compreender o conceito das competências no contexto empreendedor.

A compreensão dos comportamentos relacionados às competências empreendedoras contribui para a identificação de fatores geradores de valor e essenciais para o sucesso das organizações, pois agregam diferenciação ao negócio. Alguns autores baseados no estudo estão criando tipologias que possam possibilitar a identificação por parte dos pesquisadores interessados das competências necessárias a ampliação das atividades dos indivíduos. Alguns modelos foram desenvolvidos por autores preocupados com a temática competência empreendedora, no entanto, dois deles têm se destacado na literatura: o modelo de Cooley (1990) e o de Man e Lau (2000).

A pesquisa de Cooley (1990) indicava que a competência se manifesta através de ações nas quais há a entrega e não apenas estoque de conhecimentos, habilidades e atitudes. As competências empreendedoras avaliadas a partir da proposta desse autor foram utilizadas em pesquisas tanto no âmbito da empresa privada (Lenzi, 2008) como na área do ensino superior

(Lizote, 2013), sendo adotada também neste estudo. O modelo compreende dez competências, agrupadas em três conjuntos, como será descrito na seguinte seção.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para este estudo, embora tenha sido feita uma análise documental, optou-se em fazer uso da abordagem quantitativa, que segundo Malhotra (2006, p. 154) pode ser caracterizada como aquela que “procura quantificar os dados e, normalmente, aplica alguma forma da análise estatística.”. Com tal estratégia foi possível mensurar as variáveis e identificar as relações que existem entre elas. Os dados quantitativos foram levantados por meio de questionários.

O estudo teve caráter exploratório, descritivo e relacional (Hernández Sampieri *et al.*, 2006). Em relação ao primeiro aspecto assinalado cabe mencionar que esse método é indicado quando se penetra em áreas pouco exploradas em conhecimento, como é o caso da inovação social promovida no âmbito cultural pela administração pública para a realidade brasileira. Por sua vez a pesquisa descritiva se evidencia ao apresentar como foram pontuadas as competências empreendedoras pelos gestores que responderam o instrumento de pesquisa. Já o aspecto correlacional se mostra ao analisar as associações entre as notas que os gestores dão à inovação social e as competências empreendedoras que eles manifestam.

O universo da pesquisa foi formado pelos gestores que compõem o quadro funcional da Secretaria de Estado da Cultura do Governo de Amazonas - SEC/AM, especialmente os ligados ao Concerto de Natal. A população foi composta por servidores estatutários e comissionados, incluindo ao secretário de estado, as secretárias executivas, as chefias de gabinete, os diretores de departamentos e os gerentes dos sistemas de gestão. Para mensurar as competências empreendedoras foi usado o modelo de Cooley (1990), levantando os dados por meio de uma *survey* com questionário de autopreenchimento.

No instrumento de pesquisa se contemplam dez competências reunidas em três conjuntos: o de realização, incluindo busca de oportunidades e iniciativas (BOI), correr riscos calculados (CRC), exigência de qualidade e eficiência (EQE), persistência (PER), e comprometimento (COM); o de planejamento, contemplando busca de informação (BDI), estabelecimento de metas (EDM), e planejamento e monitoramento sistemáticos (PMS); e, o de poder, que compreende as competências persuasão e rede de contatos (PRC) e independência e autoconfiança (IAC). O questionário contém trinta afirmativas a serem respondidas também com uma escala tipo Likert de cinco pontos.

Com o objetivo de identificar o processo inovativo e tomando como estudo de caso o Concerto de Natal com base no modelo de Tardif e Harrisson (2005) buscou-se reconhecer as ações de inovação social da SEC/AM. Para tanto, realizou-se previamente ao levantamento dos dados, uma análise documental nas dimensões: 1) transformação; 2) caráter inovador; 3) característica da inovação; 4) atores envolvidos; e, 5) processo de desenvolvimento da inovação. Após sua confirmação focalizaram-se os eixos trabalho e emprego e condições de vida (CRISES, 2010) para realizar a *survey*. Assim, para aferir quantitativamente a inovação social naqueles eixos se solicitou aos gestores ler um texto onde se dava uma explanação do que representava cada eixo. E, a continuação, atribuir uma nota entre 1 e 10 às ações da SEC/AM respeito da inovação social promovida.

Após organizar os dados em um arquivo Excel® se fez seu pré-tratamento segundo o sugerido em Hair Jr. *et al.* (2009). A seguir a base de dados final foi importada ao software Statistica® com o que se realizaram as análises estatísticas de correlação e regressão, sendo esta feita a partir dos escores fatoriais gerados para as competências empreendedoras a partir de uma análise fatorial exploratória. Prévio a isso se verificaram os pressupostos de normalidade e homocedasticidade das competências e, seguidamente, se procedeu à análise descritiva, sendo os dados processados a partir das somatórias dos três itens que mensuram cada competência empreendedora. Inicialmente se fez a análise de correlação entre elas e logo se calcularam as correlações entre cada competência e a nota dada pelos gestores à inovação social. Finalmente se estimou a inovação social como uma função das competências dos gestores públicos usando o modelo de regressão.

4. RESULTADOS

Como primeiro resultado deve-se relatar que no pré-processamento dos dados obtidos foram descartados os questionários que tinham no bloco das competências empreendedoras mais do que 10% de dados faltantes, ainda que o percentual estivesse repartido entre os itens do constructo. Com esse procedimento a base ficou reduzida a 103 respondentes. Entretanto, como foi detectado um *outlier* eliminou-se mais um gestor e a matriz de dados final ficou composta por 102 questionários válidos. Os dados omissos na base de dados foram preenchidos pela mediana do item.

A partir da análise documental foi possível efetuar a análise exploratória e traçar a linha do tempo da SEC/AM desde sua criação em 1997. Antes da existência desse órgão específico faltava no Estado do Amazonas uma política cultural efetiva e isto gerava descontinuidade.

O processo transformador iniciou pela reativação das funções de ópera, que teve o intuito de recuperar a memória coletiva da cidade de Manaus. Por sua vez, o caráter inovador foi criar um centro cultural com a missão de formar novos artistas, tendo como característica inovadora não apenas a formação de músicos e dançarinos, mas também a de técnicos que viessem a dar apoio aos artistas e à política cultural. Os atores envolvidos foram incrementando-se ao longo do tempo e além dos próprios funcionários públicos, os corpos artísticos e os profissionais de apoio, se criaram e adaptaram novas empresas para atender a demanda existente. O processo inovativo envolveu o desenvolvimento e a implementação de novas ideias, como sugerido por Damanpour (1996), pelo que foi possível reconhecer a inovação social promovida pela SEC/AM usando como referência o modelo de Tardif e Harrisson (2005).

Dando continuidade realizaram-se as análises descritivas a partir dos valores somados dos três itens que medem as competências empreendedoras, confirmando-se que a maioria tem média maior do que 12, o valor que se tomou como indicador de que tal competência estava manifesta. Por outra parte, dos três valores que são inferiores aquele limite os relativos às competências correr riscos calculados (CRC) e exigência de qualidade e eficiência (EQE) são bastante próximos, como se pode ver na Tabela 1.

Tabela 1 – Estatísticas descritivas das competências empreendedoras mensuradas como a soma das pontuações dos três itens do questionário.

Competências	Média	DP	CV	Sk	K	Competências	Média	DP	CV	Sk	K
BOI	10,98	3,080	28,05	-0,543	-0,369	BDI	13,35	2,567	19,22	-2,298	5,384
CRC	11,94	2,400	20,1	-1,249	2,243	EDM	12,05	2,012	16,7	-0,686	0,216
EQE	11,72	2,266	19,34	-0,378	-0,340	PMS	12,56	2,023	16,1	-0,519	-0,612
PER	13,37	1,893	14,15	-1,653	3,499	PRC	12,75	2,108	16,53	-1,422	2,996
COM	13,8	1,980	14,35	-2,882	9,484	IAC	12,17	2,291	18,83	-0,723	-0,021

Legenda: DP: desvio padrão; CV: coeficiente de variação; Sk: assimetria; K: curtose. As siglas das competências se descrevem na seção 3. Fonte: Dados da pesquisa.

Ao considerar que os valores sugeridos por Finney e DiStefano (2006) de assimetria e de curtose para que a distribuição das competências medidas nos gestores seja considerada quase-normal, são respectivamente 2 e 7 em módulo, se verifica que comprometimento (COM) e busca de informação (BDI) não cumprem tal condição. Como pode ser visto na Tabela 2 são essas mesmas duas competências as que ao calcular as correlações com as notas assignadas à inovação social não atingem significância estatística.

Tabela 2 – Correlações entre a nota atribuída à inovação social e as competências empreendedoras mensuradas como a soma das pontuações.

	BOI	CRC	EQE	PER	COM	BDI	EDM	PMS	PRC	IAC
Nota	0,3260	0,4099	0,4176	0,1952	0,1896	0,1122	0,3098	0,3698	0,3544	0,2312
	p=0,001	p=0,000	p=0,000	p=0,049	p=0,056	p=0,261	p=0,002	p=0,000	p=0,000	p=0,019

Fonte: Dados da pesquisa.

Considerando que competências empreendedoras tiveram correlações significativas com as notas optou-se por realizar uma análise fatorial para poder avaliar se o constructo como um todo possibilita estimar a inovação social por meio do modelo de regressão. Para tanto, se verificou que as dez competências atendessem aos pressupostos de confiabilidade e a correlação item-total sugerido por Churchill Jr. (1979). O α de Cronbach foi maior do que 0,7 e as correlações item-total maiores do que 0,5, que são os mínimos exigidos.

Ao realizar a análise fatorial se corroborou que para as competências empreendedoras foram extraídos dois fatores ao utilizar o critério de Kaiser para matrizes de correlação, isto é, ao considerar somente os fatores derivados de autovalores maiores que 1. Devido a que varias competências apresentavam cargas fatoriais altas para ambos os fatores se fez a rotação varimax. O resultado da mesma se exhibe na Tabela 3, onde se pode observar que o primeiro fator concentra sete competências e o segundo fator apenas três.

Tabela 3 – Cargas fatoriais das competências empreendedoras com os dois fatores extraídos depois de efetuar a rotação varimax. Os * representam cargas menores do que 0,300.

N = 102	BOI	CRC	EQE	PER	COM	BDI	EDM	PMS	PRC	IAC	% da Var.
Fator 1	*	*	*	0,811	0,860	0,807	0,714	0,689	0,745	0,681	42,03
Fator 2	0,796	0,827	0,855	*	*	*	0,346	0,477	*	*	26,15

Fonte: Dados da pesquisa.

Com os escores fatoriais gerados de ambos os fatores se fez a análise de regressão para estimar a nota da inovação social. O resultado obtido se exhibe na Tabela 4, onde se mostra que os coeficientes de regressão, tanto derivados do fator um quanto do fator dois, foram significativos. Por sua vez, o calculo do coeficiente de determinação ajustado ($R^2 = 0,2216$), demonstra que o modelo explica mais do que 22% da nota.

Tabela 4 – Análise de regressão com a nota da inovação social como variável dependente e os escores fatoriais das competências empreendedoras extraídas do primeiro fator (CE-1) e segundo fator (CE-2) como preditores.

N = 102	b	Err. Pad.	t(99)	valor-p
Intercepto	9,3529	0,0676	138,3425	0,0000
Esc. Fat. CE-1	0,1354	0,0679	1,9927	0,0490
Esc. Fat. CE-2	0,3343	0,0679	4,9205	0,0000

Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se então confirmar que sendo as competências empreendedoras preditoras da nota influenciam positivamente na inovação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos no estudo foram atingidos, pois as competências empreendedoras foram identificadas e mapeadas por meio da abordagem quantitativa. Do mesmo modo o objetivo estabelecido para identificar os indicadores de inovação social também se atingiu. Com base no modelo utilizado por CRISES (2010), que se corresponde com a proposta de Tardif e Harrison (2005), foi possível verificar a partir de uma análise documental que as cinco dimensões (transformação, caráter inovador, característica da inovação, atores envolvidos e processo de desenvolvimento da inovação) estavam de manifesto nas ações que desenvolve a SEC/AM.

Por outra parte, ao usar o artifício de solicitar uma nota para avaliar a inovação social nos eixos condições de vida e geração de trabalho e emprego, foi possível aferir a influência das competências empreendedoras sobre a inovação social usando o modelo de regressão. Contudo a capacidade preditiva desse constructo é relativamente baixa, pois o coeficiente de determinação ajustado é menor de 25%.

Cabe assinalar a importância de replicar a pesquisa em outras instituições, assim como em outros níveis da administração pública, como o âmbito municipal. Novos estudos nacionais e transculturais possibilitariam contrastar os resultados obtidos com os que sejam alcançados nos novos estudos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- Antonello, C. S. (2005). A metamorfose da aprendizagem organizacional: uma revisão crítica. *In: R. L. Ruas; C. S. Antonello, L. H. Boff, & colaboradores. Os novos horizontes da gestão: aprendizagem organizacional e competências, p. 12-33 Porto Alegre: Bookman.*
- BEPA. (2011). Empowering people, driving change – social innovation in the European Union. *Luxemburgo: Publications Office of the European Union.*
- Bignetti, L. P., & Silva, S. B. (2012). A inovação social e a dinâmica de inovação aberta na Rede Brasileira de Living Labs. *Anais do XXXVI Encontro da ANPAD.*
- Choi, N., & Majumdar, S. (2015). Social Innovation: Towards a Conceptualisation. *In: S. Majumdar, S. Guha, & N. Marakkath (Eds.). Technology and Innovation for Social Change. Springer India, p.7-34.*
- Churchill Jr., G. A. (1979). A paradigm for developing better measures of marketing constructs. *Journal of Marketing Research, 16(1): 64-74.*
- Cloutier, J. (2003). Qu'est ce que l'innovation sociale, *Cahiers du CRISES, ET0314.*

- Cooley, L. (1990). Entrepreneurship Training and the strengthening of entrepreneurial performance. Final Report. Contract. *Washington: USAID.*
- Corazza, R. I. (2013). Criatividade, inovação e economia da cultura: abordagens multidisciplinares e ferramentas analíticas. *Revista Brasileira de Inovação, 12(1): 207-231.*
- CRISES, Centre de Recherche sur les innovations Sociales. (2010). Rapport Annuel des actives scientifiques du CRISES 2009 – 2010. *Quebec, Canada.*
- Damanpour, F. (1996). Organizational complexity and innovation: developing and testing multiple contingency models. *Management Science, 42(5): 693-715.*
- Feuerschütte, S. G., & Alperstedt, G. D. (2008.). Empreendedorismo e Competência: um Ensaio sobre a Complementaridade e a Convergência dos Construtos. *Anais do XXXII Encontro da ANPAD.*
- Feuerschütte, S. G., & Godoi, C. K. (2008). Competências de Empreendedores Hoteleiros: um estudo a partir da metodologia da história oral. *Turismo - Visão e Ação, 10(1): 39-55.*
- Florida, R. (2002). The rise of the creative class. And how it's transforming work, leisure and everyday life. *New York: Basic Books.*
- Gabor, D. (1970). Innovations: scientific, technological, and social. *New York: Oxford University Press.*
- Hair Jr., J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham R. L. (2009). Análise multivariada de dados. 6.ed. *Porto Alegre: Bookman.*
- Hernández Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). Metodologia de Pesquisa. 3.ed. *São Paulo: McGraw-Hill.*
- Lazzeretti, L., & Capone, F. (2015). Narrow or broad definition of cultural and creative industries: evidence from Tuscany, Italy. *International Journal of Cultural and Creative Industries, 2(2): 4-19.*
- Lenzi, F. C. (2008). Os Empreendedores corporativos nas empresas de grande porte dos setores mecânico, metalúrgico e de material elétrico/comunicação em Santa Catarina: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras reconhecidas. *Tese (Doutorado em Administração). Universidade de São Paulo.*
- Lizote, S. A. (2013). Relação entre competências empreendedoras, comprometimento organizacional, comportamento empreendedor e desempenho em universidades. *Tese (Doutorado em Administração e Turismo). Universidade do Vale do Itajaí.*
- Lizote, S. A., Lana, J., Orlandi, C., Camargo, M. P., Branco, M. A. G. A., & Lenzi, F. C. (2012) Empreendedorismo: uma investigação empírica acerca das relações entre competências empreendedoras e conduta intraempreendedora. *Anais do XXXVI Encontro da ANPAD.*
- Malhotra, N. K. (2006). Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada. 4.ed. *Porto Alegre: Bookman.*
- Mamede, M. I. de B., & Moreira, M. Z. (2005). Perfil de competências empreendedoras dos investidores Portugueses e Brasileiros: Um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. *Anais do XXIX Encontro da ANPAD.*

- Man, T. W. Y., & Lau, T. (2000). Entrepreneurial competencies of SME owner/managers in the Hong Kong services sector: a qualitative analysis. *Journal of Enterprising Culture*, 8(3): 235-254.
- Mitchelmore, S., & Rowley, J. (2010). Entrepreneurial competencies: a literature review and development agenda. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 16(2): 92-111.
- Moulaert, F. (2010). 1 Social innovation and community development. Can Neighbourhoods Save the City?: *Community Development and Social Innovation*, 4.
- Paiva Jr., F. G., Fernandes, N. C. M., & Almeida, L. F. L. (2006). O capital social da empresa de base tecnológica expandida pela relacionalidade do empreendedor. *Anais do XXVI ENEGEP*.
- Porém, M. E., Guaraldo, T. S. B., Cabral, R., & Andrelo, R. (2016) Competência em comunicação e cultura de inovação nas organizações: breves reflexões. *Comunicação & Inovação*, 17(33): 95-111.
- Rousselle, M. (2011). L'innovation sociale: au-delà du phénomène, une solution durable aux défis sociaux. *Collection Working Paper*.
- Salazar, G. T., & Oliveira, L. (2003). Competências empreendedoras: capacidades diferenciadoras e estratégias financeiras. *Anais do I Congresso Nacional de Empreendedorismo*.
- Silva, T. N., & Maurer, A. M. (2013). Como criar uma inovação social?. In: L. F. Nascimento; P. Tometich (Org.). *Sustentabilidade: resultados de pesquisas do PPGA/EA/UFRGS. Grupo de Pesquisa em Sustentabilidade e Inovação GPS*, p. 181-184.
- Snell, R., & Lau, A. (1994). Exploring local competences salient for expanding small business. *Journal of Management Development*, 13(4): 4-15.
- Tardif, C., & Harrisson, D. (2005). Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualization de innovation sociale au CRISES. *Cahiers du CRISES*.
- Taylor, J. (1970). Introducing social innovation. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 6(6): 69-77.
- UNCTAD (2010). Creative economy. Report 2010. *Geneva-New York: UNDP, UNCTAD*.
- Vale, G. V., Wilkinson, J., & Amâncio, R. (2008). Empreendedorismo, inovação e redes: uma nova abordagem. *RAE-eletrônica*, 7(1).
- Vesala, K. M., & Pyysiäinen, J. (2008). Understanding Entrepreneurial Skills in the farm context. Research Institute of Organic Agriculture. *Switzerland: Frick*.
- Warnock, R. (2014). Harnessing the power of social innovation to drive the Northern Ireland economy – Final draft. *Department of Enterprise, Trade and Investment – DETI*.
- Zampier, M. A., Takahashi, A. R. W., & Fernandes, B. H. (2012). Sedimentando as bases de um conceito: as competências empreendedoras. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1(1).
- Zarifian, P. (2001). Objetivo competência: por uma nova lógica. *São Paulo: Atlas*.